

A violência urbana em cena: o radiojornalismo e a construção da realidade¹

Ricelle Fernandes Queiroz TINTIN²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN³

RESUMO

O presente artigo aborda como a mídia radiofônica manipula a construção de uma realidade social relacionada à violência urbana por meio da análise de notícias veiculadas no “jornal das seis”, programa jornalístico da emissora de rádio potiguar 96 FM, no período compreendido entre 11 e 26 de janeiro de 2016, e que aborda a violência urbana na cidade de Natal/RN. Para analisar esse discurso, nos embasaremos na concepção de sociedade do espetáculo exposta por DEBORD (1997), na concepção de violência exposta por ODÁLIA (2012), e nas concepções acerca do discurso radiofônico propostas por HAYE (2005). Tal análise nos permite observar como a mídia constrói a realidade social se valendo das relações semânticas das palavras e das características inerentes ao rádio para direcionar pensamentos, criar um clima de medo e pavor, e até mesmo atuar de modo sensacionalista.

PALAVRAS-CHAVE: violência urbana; radiojornalismo; manipulação.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado diante da constatação de como o discurso da violência urbana na mídia radiofônica vem se manifestando nos dias atuais, pautando-se por um viés sensacionalista que prioriza sentimentos como medo e insegurança. Nosso estudo partirá de uma contextualização da sociedade atual e de como a linguagem interfere nesse contexto, chegando até às teorias relacionadas ao rádio enquanto um elemento influenciador e deflagrador de ideias e pensamentos. A partir dessa contextualização, teremos elementos suficientes para abordar essa relação entre o discurso midiático e a violência urbana.

Para fins do presente estudo, tomamos como referência notícias relacionadas à violência urbana divulgadas na mídia radiofônica natalense no mês de janeiro do ano de 2016. Nosso recorte se ateu às notícias veiculadas no “jornal das seis”, programa radiofônico

¹ Trabalho apresentado no DT 05 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL/UFRN, email: ricellefernandes@gmail.com

³ Trabalho sob a orientação do docente Adriano Lopes GOMES. Professor do Curso de Comunicação Social da UFRN, email: adrianoufrn@gmail.com

voltado ao jornalismo inserido na programação noturna da 96 FM (primeira FM do Estado do RN) e que possui uma das maiores audiências na capital do Estado⁴.

No período abordado, destacavam-se na mídia local notícias relacionadas a latrocínios e homicídios em uma constante de níveis alarmantes para um ano que acabara de se iniciar. Dentre os casos citados, temos dois que foram bastante emblemáticos por envolverem roubos seguidos de morte (latrocínio). O caso Gisela Mousinho Paiva, que teve seu veículo tomado em um assalto e acabou morta quando tentava tirar a filha de 18 anos do automóvel antes de entregá-lo aos assaltantes, e o caso da universitária de turismo da UFRN Maria Karoline, morta sem esboçar qualquer reação ao ter seu celular tomado em um assalto enquanto caminhava com a irmã. Para realçar esse clima de insegurança, no mesmo mês foi destaque na mídia a divulgação de um estudo que apontava a cidade de Natal/RN como a 13ª cidade mais violenta do mundo.

Desse modo, o artigo se insere em uma proposta de estudo de natureza qualitativa, na medida em que se utiliza da descrição e da observação, para averiguar as condições de formação que possibilitam a constituição do discurso da violência urbana. O estudo analisará um *corpus* composto por 4 (quatro) notícias selecionadas do conjunto de notícias relacionadas à violência urbana que haviam sido transmitidas no programa “jornal das seis”, no período entre 11 e 26 de janeiro de 2016.

Recorrentemente, inclusive nos exemplos abordados, a mídia radiofônica condena suspeitos e produz notícias de modo a direcionar para determinado ponto de vista e criar uma imagem que nos prenda pela emoção e pela sonorização. Concluimos refletindo sobre as consequências dessa nova cultura e sobre como podemos nos posicionar criticamente frente às imposições dessa sociedade espetacular.

2. LINGUAGEM E SOCIEDADE: O ESPETÁCULO DA NOTÍCIA

No vasto campo da linguística, são os linguistas aplicados que se preocupam em investigar os problemas sociais nos quais a linguagem tenha um papel central. Trata-se de um campo no qual investigamos e lançamos um olhar acerca de uma problemática que envolve a linguagem e sua aplicação social, conforme saliente Moita Lopes (2013) em sua pesquisa:

⁴Fonte: <http://www.radios.com.br/cnt/estatistica>

Em um mundo atravessado pelo poder de forma multidirecionada e que apresenta desafios para uma série de significados sobre quem somos, que constituíram o cerne da modernidade, é crucial pensar formas de fazer pesquisa que sejam também modos de fazer política ao tematizar o que não é tematizado e ao dar voz a quem não tem. (MOITA LOPES, 2013, p. 21-22)

Ou seja, os estudos da linguagem detêm também uma missão social de fazer pensar sobre o que não está posto e dar voz a pensamentos e ideias não abordadas cotidianamente dada a imposição de ideologias por parte da hegemonia predominante. Nesse sentido, se apresenta a necessidade de se analisar a contento o modo como se concebe o significado de linguagem no âmbito da linguística aplicada, com vistas a compreender seu papel na sociedade hodierna.

Inicialmente, cabe-nos apontar as diversas concepções que historicamente foram surgindo a respeito do que seria língua e linguagem. Em diversos estudos, os linguistas tendem a conceber as mais variadas concepções, tais como: linguagem como interação social, linguagem como prática social, ou mesmo linguagem como diferentes modos de se construir a realidade.

Em seus estudos, por exemplo, Sausurre define linguagem a partir de uma relação entre linguagem, língua e fala. Enquanto a linguagem possui natureza heterogênea, pertencente aos domínios individual e social, a língua é um produto social da linguagem exteriorizado por meio de um sistema de signos, uma espécie de código. A fala, por sua vez, trata-se de ato individual por meio do qual o indivíduo se utiliza da língua.

Outra concepção importante é a proposta por Bakhtin (1986), que se baseia em uma concepção sociointeracionista. Sua concepção parte da constatação de que “a palavra constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro” (BAKHTIN, 1986, p. 113). A partir dessa relação ele propõe a linguagem enquanto o produto de uma interação social com vistas a um objetivo específico, possibilitando a prática social de inúmeros atos.

Em outras palavras, a linguagem proporciona a construção de visões de mundo e valores sobre tudo que nos cerca, de modo que as práticas sociais mediadas pela linguagem são consideradas manifestações situadas e históricas. É por meio da linguagem que constituímos uma visão de mundo e o que denominamos de realidade. Realidade essa que constitui sociedades situadas historicamente.

Diante do exposto, como poderíamos classificar a sociedade em nosso contexto atual? Diversos pesquisadores tentam dar seu ponto de vista para uma sociedade cuja característica

principal hoje é a multiplicidade de características e a hibridização de conceitos. As mais diversas nomenclaturas são empregadas: sociedade do espetáculo, sociedade em rede, sociedade hipermoderna, sociedade do conhecimento.

Dentre as diversas classificações, podemos destacar as visões de Guy Debord. O teórico Debord (1997) aborda o aspecto espetacular da sociedade, segundo o qual o “espetáculo, como tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como sentido privilegiado da pessoa humana” (DEBORD, 1997, p.18). Para ele, portanto, a sociedade atual privilegia a imagem em detrimento do real, valorizando aquilo que lhe é apresentado pelas mídias.

O que se observa, a partir de então, é a simplificação em curso, uma prática inserida em um contexto cultural que direciona a mídia contemporânea à banalização e à espetacularização em contraposição ao detalhamento que induz à contextualização e ao pleno entendimento. De acordo com Pena (2008) a velocidade na produção das notícias “pode ser usada para a substituição de uma possível aproximação da realidade por sua mais longínqua representação” (PENA, 2008, p. 87).

Nesse sentido, o autor nos alerta a respeito de como a divulgação das notícias pode nos levar a uma representação da verdade que nem sempre correspondente à totalidade do cenário, nos remetendo a uma visão limitada e idealizada dos acontecimentos. Esse contexto de idealização do cenário global dos acontecimentos é inerente a uma cultura que privilegia o espetáculo e os elementos que chamam a atenção do grande público. Debord (1997) já afirmava a respeito dessa cultura que “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação.” (DEBORD, 1997, p. 13).

Passamos, pois, a viver direcionados pelo espetáculo midiático, nos entretendo com a visão de mundo limitada exposta pela mídia. A notícia, tratada aqui com toda sorte de apelos estéticos e emocionais, vira um produto e o público alvo o seu consumidor. Esse esquema tende a misturar o real com a ficção, de modo que Charaudeau (2013) nos alerta:

As exigências de visibilidade e de espetacularização da máquina midiática tendem a construir uma visão obsessiva e dramatizante do espaço público, a ponto de não se saber mais se estamos diante de um mundo real ou de ficção. (CHARAUDEAU, 2013, p. 259)

Outro aspecto que se pode observar é o efeito alienante desse modelo, no qual o público se entretém com aquilo que vê e aceita o que lhe é imposto. A espetacularização poder ser vista ainda como um objeto de manipulação social e conformismo político. Uma espécie de versão moderna da política do “pão e circo” posta em prática no antigo Império Romano.

Nessa sociedade moderna acima discutida, emerge um questionamento sobre como essa realidade pautada aborda a questão da violência urbana, e como essa abordagem influencia nosso modo de viver e nosso próprio discurso. Para responder tais questões, antes de mais nada, devemos nos ater ao que se considera violência urbana e como esse fenômeno se manifesta na sociedade.

A violência urbana é uma temática que há muito tempo nos chama a atenção, não só pelo clima de medo e insegurança que ronda as médias e grandes cidades, como também pelo fato de tratar-se de assunto inerente ao nosso cotidiano. Reflexo disso é a atual condição na qual nos consideramos reféns dentro de nossas próprias casas (rodeadas de muros, grades e cercas elétricas) e restringimos cada vez mais nosso convívio a ambientes fechados tidos como mais seguros, tais como condomínios e *shopping centers*.

Tende-se a realçar um sentimento que há muito se destaca no universo melodramático: o medo. Esse sentimento que nos causa impotência e mexe com nossos sentidos, servindo de elemento de destaque na agenda da espetacularização promovida pela mídia ao abordar episódios de violência na sociedade. A esse respeito, Matheus (2011) já nos alertava:

O medo é um importante desencadeador e também encadeador de histórias que proporcionam uma experiência simbólica da vida urbana. E a reportagem policial constitui oportunidade privilegiada de conformar mentalmente a cidade em que se vive materialmente. No fluxo do sensacional, o medo é um dos mediadores do relacionamento do público com o jornalismo. (MATHEUS, 2011, p. 43)

A violência urbana, portanto, surge como elemento que realça a cultura do medo presente no espetáculo midiático em cena. Um espetáculo que é encenado não só nas mídias impressas ou *on-line*, mas que também faz parte do radiojornalismo na medida em que este lida com assuntos relacionados à violência. Fatos que são abordados sob a perspectiva do medo e da dor, narrados sob um enfoque dramático, impondo aos indivíduos a ilustração de um imaginário do real ao qual tendem a se apegar e a se manterem cada dia mais assustados.

3. O RADIOJORNALISMO E SEU PODER DE INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO

Em nossa incursão ao estudo das mídias, devemos ter em mente que todo gênero midiático possui o poder de alcance e influência perante seu público. O gênero radiofônico, em especial, se utiliza da oralidade para exercer essa função, estando presente em nosso cotidiano desde meados da década de 1920. Desde então, tem ampliado seu alcance incorporando o uso de novas tecnologias tais como a *web* rádio e se consolidado enquanto um gênero midiático capaz de incutir sensações e emoções em seus ouvintes.

Levando-se em consideração as especificidades do rádio e dos formatos nele contido, resta evidente que se trata de mídia de alto grau de alcance perante a população urbana e rural, sendo detentora de uma responsabilidade perante seu público. Tal poder exercido por este gênero midiático é tratado como uma moeda de dupla face, que pode servir tanto aos interesses dos grupos controladores das emissoras quanto aos interesses da população. Nas palavras de renomado estudioso da teoria do rádio, a radiodifusão deveria “afastar-se dos que a abastecem e constituir os radiouvintes como abastecedores” (BRECHT, 2005, p. 42).

Todas estas possibilidades são decorrentes da estrutura radiofônica que caracteriza esse gênero e que torna o rádio um popular meio de comunicação de massa. Frente a alguns aspectos já mencionados (linguagem oral, abrangência) somam-se outros tais como a mobilidade (pode-se ouvir em casa, no trabalho, no carro), o imediatismo (os fatos podem ser noticiados no momento em que estão ocorrendo) e o baixo custo (acesso à programação das rádios em aparelhos de baixo custo ou mesmo por meio da rede de computadores).

Outra característica marcante no gênero, e que reflete diretamente na formação da opinião e no grau de influência, é a sensorialidade. Nas palavras de Haye (2005) ocorre a formação do que se denomina de “imagens acústica”. Essas imagens são construídas “a partir de signos orais, verbais, musicais, sonoros e silêncios. Esses elementos possibilitam que as imagens adquiram uma forma determinada para transmitir conteúdos de variada espécie” (HAYE, 2005, p. 347). São estas as imagens responsáveis pela idealização que cada ouvinte realiza daquilo que está ouvindo.

Em outras palavras, o modo como a mensagem é transmitida, se utilizando de elementos como tom de voz, intervenções sonoras ou até mesmo o silêncio, tende a criar uma imagem (um cenário) na imaginação do telespectador que o fará simular mentalmente o contexto descrito e ser mais receptivo àquele discurso sonoro. Tal característica advém da

inexistência da percepção visual, o que ocasiona a busca por elementos que supram essa deficiência. Nesse sentido, Prado (1989) atribui um caráter positivo a esses elementos:

Claro que este inconveniente dá origem a outra característica positiva, que é a capacidade de sugestão que exerce sobre o ouvinte, que tem que criar mentalmente a imagem visual transmitida pela imagem acústica. (PRADO, 1989, p. 18-19)

Essa capacidade sugestiva que a mensagem radiofônica possui abre margem não apenas para suscitar o debate público, mas também para o exercício da manipulação e do controle, dependendo do viés que determinado programa ou emissora deseje dar ao conteúdo que transmite. O pesquisador Barbosa Filho (2009) chega a afirmar que “ele, o rádio, tem a magia de cativar e seduzir os seus ouvintes, conduzindo-os a atitudes e comportamentos conformes ao padrão estabelecido” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 50). Uma capacidade que, como visto, pode facilmente induzir a comportamentos mediante o uso da mensagem traduzida em imagens acústicas de grande alcance.

Ainda nas palavras de Haye (2005), o discurso radiofônico “é o lugar em que essas imagens alcançam sua “forma determinada”, o espaço onde utilizam-se das regras poéticas e estilísticas e se resolve a expressividade que levará a efetivação das mensagens” (HAYE, 2005, p. 347). É essa efetivação da mensagem que poderá agir para um fim social, tendo em vista a característica de facilitar o diálogo entre o indivíduo e o grupo auxiliando no desenvolvimento de objetivos comuns e opções políticas, ou para fins específicos de controle da sociedade.

Podemos afirmar, portanto, que o gênero radiofônico é uma vertente midiática aberta a grandes propósitos, em seu intuito de informar e de dar voz aos problemas da população, mas com o qual devemos ter grande cuidado dado seu poder de alcance e influência perante o público alvo. Essa influência, aliás, que é uma característica intrínseca de todos os gêneros midiáticos de grande alcance, por vezes é aproveitada pelos grandes órgãos controladores das mídias. Na rádio não é diferente, e para melhor compreendermos como essas forças atuam na formação de um discurso de violência urbana, veremos no próximo tópico exemplos extraídos desse meio de comunicação.

4. O DISCURSO DA VIOLÊNCIA URBANA NO RADIOJORNALISMO

Apesar da repulsa que a temática da violência causa à primeira vista, já que se trata de assunto que apresenta alto valor negativo, o fato é que a violência, nas suas mais diversas modalidades, sempre esteve presente na vida em sociedade. Desde os primórdios o homem se envolve em atos violentos. Guerras e barbáries existem desde longa data, ao passo em que sofrimento e dor são sentimentos que nos acompanham desde os primórdios.

O pesquisador Odália (2012) já nos afirmava que “o viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está presente, ela sempre aparece em suas várias faces” (ODÁLIA, 2012, p. 13). Basta citarmos os exemplos de episódios violentos de mortes e assassinatos que constam na própria Bíblia. Nesse contexto a violência se exprime pela agressão, que pode ser entendida como tudo aquilo que atinge o homem naquilo que ele possui ou pelo qual tenha apreço, como amigos ou família.

Sendo ou não a violência um comportamento inerente ao ser humano, o fato é que nunca conseguimos nos destituir de sua presença. Szpacenkopf (2003) diz que:

Na verdade, defendemos que a mídia se aproveita da violência existente, justamente porque esta interessa ou se faz interessar ao espectador, o qual carrega consigo ingredientes que podem facilitar, a ligação com atos violentos. (SZPACENKOPF, 2003, p. 44)

Ora, se o público alvo da mídia está pronto a consumir essa violência cotidiana e em doses cada vez mais elevadas, a mídia não mede esforços em exercer seu papel de propagador desse estado de violência e do senso comum a ele atrelado. Para tal, se utiliza de um discurso simplificado e superficial, bem como do poder de julgamento ao fazer coberturas de crimes e fatos policiais. Vejamos a seguir uma notícia acerca do primeiro caso abordado, o da morte da turismóloga Gisela Mousinho, conforme noticiado pelo Jornal das Seis:

Trecho 01

Polícia prende casal suspeito de morte de turismóloga em Natal. Os detalhes com Sérgio Costa. Boa noite Ênio. Boa noite a todos. Um crime cruel que teve um resultado, teve uma resposta imediata da polícia civil do estado do Rio Grande do Norte. A turismóloga Gisela Mousinho Paiva da Silva, de 43 anos de idade, foi vítima de latrocínio no dia 02 deste mês de janeiro. Ela estava juntamente com a filha e o namorado da filha na Rua Padre Champagnat em Lagoa Nova, próximo a uma padaria, quando foi alvo da ação de três pessoas: um homem e duas mulheres. Ela saiu do carro após a abordagem a pedido/exigência de um dos bandidos. A filha permaneceu no

carro sob exigência e ameaça dos criminosos. Ela tentou voltar para tirar a filha do veículo, mas foi recebida com um tiro disparado por uma mulher. Durante os últimos dias Hênio, a polícia realizou investigações e também contou com a participação da população no disque denúncia 181, e conseguiu prender pelo menos dois dos suspeitos. Inclusive, a mulher que atirou. Jhully Sayonara Alves de Oliveira, de 18 anos, e Wagner Almeida do Nascimento já estão sob o poder da polícia e à disposição da justiça. Eles foram presos na sexta-feira, ela confessou o crime. [...]
(Jornal das Seis, 11/01/2016)

No primeiro trecho analisado, o que se destaca é a brutalidade do crime ocorrido, quando a reportagem associa o fato a vocábulos tais como “crime cruel” e “latrocínio”, bem como ao fato da vítima ter sido assassinada ao tentar salvar sua filha das mãos dos criminosos, o que por si só já desperta certa comoção. Ao passo em que destaca a crueldade do crime, também aponta o esforço da polícia que deu uma “resposta imediata” e prendeu os suspeitos na primeira semana após o ocorrido. Se instaura logo uma relação de causa e efeito: a rápida resposta dada à repercussão do caso na mídia local. A reportagem aponta para isso ao mencionar a resposta da polícia civil do RN, bem como a participação efetiva da população por meio do disque denúncia 181.

Observamos ainda dois elementos que denotam a tentativa de aproximação com o nosso cotidiano, bem como com a sensação de que a violência está cada vez mais iminente. Primeiramente, o fato de se destacar o local ocorrido, uma rua no bairro de Lagoa Nova. Trata-se de bairro situado em região considerada nobre da capital, no qual imagina-se ter uma sensação de segurança maior. O fato do crime ter se dado nessa localidade e em situação bastante cotidiana, uma visita a uma padaria, desperta no ouvinte essa sensação da violência sempre presente e que estamos sujeitos a se tornar vítimas assim como foi a turismóloga.

No próximo trecho, divulgado na semana seguinte após o crime que vitimou Gisela Mousinho, as notícias sobre violência urbana só se acumulavam no noticiário, e em uma tentativa de tensionar cada vez mais a situação, a emissora destaca em tom de alarde a notícia da fuga de presos do sistema penitenciário. Vejamos:

Trecho 02

Quarenta e seis presos. É isso aí, quarenta e seis presos fogem por túnel da cadeia pública de Natal. Os detalhes com ele, Sérgio Costa. Tragédia anunciada. Todo mundo já esperava por isso. Aliás, esses presos cantaram a pedra pelo menos cinco vezes antes da passagem do ano novo. Boa noite Ênio. Boa noite a todos. O fato aconteceu na madrugada desta terça-feira. [...]
(Jornal das Seis, 12/01/2016)

Conforme visto anteriormente, o modo como a mensagem é transmitida tem o dom de “produzir processos apelativos que envolvam o ouvinte em sua decodificação” (HAYE, 2005, p. 350), fazendo com que a comunicação se torne tendenciosa. Ao ouvir tais mensagens, o ouvinte se vê envolto em meio a sentimentos e sensações de medo e violência que o tornam sensível àquela realidade exacerbada repetidamente pela mídia local.

No trecho destacado, primeiramente, o autor nos apresenta a notícia deixando transparecer seu total espanto, repassando essa sensação ao ouvinte. Ao informar o quantitativo de presos que haviam fugido da cadeia pública, ele se utiliza de um elemento reforçador para dar mais peso àquela informação: “e isso aí”. Em um segundo momento, ele informa que seria uma “tragédia anunciada” e que “todo mundo já esperava por isso”. Com isso, ele consegue transmitir ao ouvinte o sentimento de medo e de algo que está fora do controle, já que a fuga de presos era algo pelo qual já se esperava.

Com toda essa sensação de calamidade na transmissão da notícia, o ouvinte se sente acuado, já que são 46 (quarenta e seis) criminosos a mais soltos pela rua. Além disso, presume-se uma incapacidade por parte da gestão pública que não teria sido capaz de evitar essa “tragédia anunciada”. Chega-se a informar ao ouvinte, se utilizando da gíria “cantar a pedra”, que os próprios presos já prenunciavam essa fuga. São fatos que, anunciados desse modo espetacularizado, contribuem para a noção de que a mídia transmite as notícias com o foco de atrair o apelo do público pela tragédia e imposição de opiniões.

Na notícia seguinte, no mesmo mês de janeiro de 2016, um novo crime abala a sociedade potiguar e tem ampla cobertura da mídia local. Trata-se de um roubo seguido de morte de uma universitária de apenas 19 anos enquanto praticava *cooper*. A notícia foi ao ar no dia 20 de janeiro de 2016, da qual destacamos o seguinte trecho:

Trecho 03

Olha só, é... Serginho, só para começar, você é.... você confirma esse assalto, dessa moça na avenida Itapetinga? Uma adolescente que parece que estava fazendo cooper foi assaltada e sofreu um tiro no peito. Está confirmado Sérgio? Está confirmado sim, Ênio, pelo CIOSP. Eu acabei de confirmar juntamente à polícia militar. Boa noite para você, boa noite para todos. A jovem, que ainda não teve o nome revelado e a idade também, estava caminhando, de acordo com a polícia, com uma colega quando foi surpreendida por uma dupla em uma motocicleta. O que estava no banco do garupa sacou uma arma e anunciou o assalto. Há informações repassadas por testemunhas que a jovem teria relutado em entregar o celular. E aí, diante disso o bandido efetuou um tiro e acertou o peito da menina. Ela ainda foi

socorrida no local por uma equipe do SAMU mas não resistiu ao ferimento. Há informações ainda extraoficiais, Ênio, que o pai da garota trabalha como motorista do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Os bandidos é... conseguiram escapar na motocicleta. No entanto, a polícia está realizando diligências para tentar localizar os dois suspeitos, Ênio. Que tristeza meu Deus do Céu! Ah! Mas vamos continuar falando sobre essa violência desenfreada que acontece na nossa capital, que acontece no Rio Grande do Norte, que acontece, enfim. Nem caminhar a pessoa pode mais. É verdade. [...]
(Jornal das Seis, 20/01/2016)

Observamos que, após descrever os fatos com certa minúcia, baseado nas fontes de informações da própria polícia militar, o locutor realiza um verdadeiro desabafo junto ao seu público ouvinte. Um apelo totalmente emotivo ao relacionar a “violência desenfreada” ao fato ocorrido que só corrobora para aumentar a sensação de medo que permeia nosso cotidiano, assim como serve de apelo de audiência ao público. Notamos a ênfase emotiva e de fala que o locutor emprega ao se expressar em enunciados como “Que tristeza meu Deus do Céu!” e “Nem caminhar a pessoa pode mais”.

Como em um *continuum* narrativo, a lista de crimes cruéis noticiados dia após dia parece pertencer a um fluxo ascendente sem expectativa de fim, remontando àquela ideia do espetáculo encenado com fins midiáticos de atrair a audiência e se aproveitar da situação social instaurada. O exacerbado uso do noticiário policial serve para comover o público, ao passo em que repassa uma negatividade sem limites.

Observamos ainda como as vítimas que ganham destaque, em sua maioria, são pessoas que se sobressaem por sua condição financeira ou por pertencerem à parcela da população de maior relevância social. Nos casos noticiados, temos a figura de uma turismóloga de classe média e a de uma jovem universitária, que representam parcelas significativamente mais influentes da sociedade. Essa escolha não é aleatória, mas representa mais uma vez a intenção de captar o público ao demonstrar a violência atingindo aqueles que outrora se sentiam protegidos, realçando a sensação de violência perante a população como um todo.

No próximo trecho, noticiado no dia 26 de janeiro de 2016, ao passo em que se focaliza mais uma vez a escalada da violência frente à população, a mídia radiofônica se aproveita de relatório de pouca credibilidade que divulgara índices de violências mundiais para fins comparativos. Ao destacar a posição de Natal no ranking de cidades mais violentas, segundo tal pesquisa, a mídia reforça sua tese de insegurança pública e atrai ainda mais argumentos à sua colocação, de modo a influenciar seu público ouvinte. Vejamos:

Trecho 04

Olha, bandidos invadem loja em shopping e fogem levando joias e a arma do policial. Os detalhes com Sérgio Costa. A cara de pau da ousadia. Boa noite Ênio. Boa noite para todos. Dois homens armados invadiram uma loja de um shopping em Lagoa Seca, o maior shopping da cidade, e renderam um segurança que seria um policial militar que estava de folga fazendo um serviço de bico naquele local. Levaram a arma desse policial e também várias joias dessa loja. Eles renderam também alguns funcionários. Ficaram cerca de três minutos no local e depois fugiram em um carro, em um veículo tipo pálio de cor vermelha, que estava sendo dirigido por uma mulher. Este carro foi abandonado depois em Petrópolis. Por incrível que pareça, bem pertinho do Comando Geral da Polícia Militar. Imagens já foram disponibilizadas para os policiais civis da DEFUR. Os criminosos estavam armados e de acordo com informações repassadas pela polícia, eles estavam nesse veículo já há algum tempo, com placas de Mossoró, mas com queixa de roubo no Ceará. Diligências foram realizadas, Ênio, em toda cidade pela polícia militar, mas eles conseguiram escapar. [...] Sérgio, Natal é a décima terceira cidade mais violenta do mundo, segundo a ONG mexicana, é isso? É isso. É o reflexo daquilo que a gente vem relatando diariamente, informando diariamente aqui nos nossos jornais. A violência na cidade de Natal, aqui no Rio Grande do Norte, também sendo divulgada aí, e constatada por organizações não governamentais de todo o mundo. Essa organização mexicana apontou Natal como a décima terceira cidade mais violenta do mundo, diante dos últimos números apresentados em 2014 e meados de 2015. É claro se essa técnica de somatória de evidências tivesse continuado, certamente iria apontar o mesmo grau, o décimo terceiro grau da cidade mais violenta. [...]

(Jornal das Seis, 26/01/2016)

Em nosso último trecho observamos a criminalidade atingindo o templo máximo do consumo, local onde a sociedade se sente protegida e fora do alcance da violência urbana. Como em uma espécie de simbolismo, vemos a violência urbana atingindo até mesmo um local que se considerava seguro e longe desse universo da criminalidade. Observamos que o locutor faz questão de realçar o fato como inusitado, realçando o tom de alarmismo que perpassa o referido noticiário em seu momento policialesco, ao se utilizar da expressão “a cara de pau da ousadia”.

Logo após o relato, o noticiário aproveita o gancho e para realçar seu show junto ao público ouvinte apresenta com grande alarde o relatório de uma ONG mexicana que apontara Natal como a décima terceira cidade mais violenta do mundo. Como que para fechar seu discurso de violência urbana com chave de ouro, o relatório recém-divulgado se enquadra perfeitamente com sua tese de violência sem medidas, motivo pelo qual a rádio emprega o mesmo em seu noticiário.

O noticiário reforça ainda mais seu posicionamento, trazendo para si um tom de verdade como que se estivesse prevendo os resultados do relatório mexicano, ao informar que

os resultados deste nada mais seriam do que “o reflexo daquilo que a gente vem relatando diariamente, informando diariamente aqui nos nossos jornais”. Com isso, observamos como a mídia busca elementos para reforçar seu julgamento divulgado à sociedade, para que esta seja influenciada pelo que lhe é exposto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no arcabouço teórico pesquisado, pudemos fazer um levantamento de como essa sociedade é enxergada pelos estudos culturais, nos voltando ao final para nosso ponto central: o discurso da violência urbana e a sociedade do espetáculo. Com isso, nos concentramos em abordar alguns aspectos desse universo midiático na atualidade e como ele lida com a violência urbana.

O que depreendemos dessa breve junção de ideias a respeito de linguagem e sociedade atuais, aliado às nossas análises, é que a mídia radiofônica se mostra influenciadora e ordenadora de pensamentos. Tal influência se apresenta nítida quando observamos a exploração dos episódios de violência urbana, reflexo do discurso da violência presente na sociedade.

É justamente essa abordagem espetacularizada e que aporta enquanto modelo vigente que se mostra de interesse à pesquisa científica. Esse modelo que, aplicado ao discurso da violência urbana, vem sugerindo uma sensação de medo e de impotência que alavanca o interesse no tema e as audiências do jornalismo policial. Jornalismo este que, por sua vez, aproveita a situação para se impor e mostrar todo seu poder diante da situação dessa realidade construída.

Portanto, importante se faz lançar um olhar sobre essas representações do cotidiano de modo a termos uma visão crítica da realidade imposta pela mídia, na medida em que essa se preocupa em primeiro lugar com o consumo em massa. Com isso, esperamos auxiliar no discernimento do contexto atual da sociedade, tendo em vista que o conhecimento é o principal aliado para que não nos deixemos levar por falsas impressões ou sejamos influenciados desnecessariamente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaievitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. (1ª edição, 1929)

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção comunicação-estudos)

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. (Volume 1)

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HAYE, Ricardo. Sobre o discurso radiofônico. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.) **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. (Volume 1)

JORNAL DAS SEIS. Natal: Rádio 96 FM, 11 de janeiro de 2016. Programa de Rádio.

_____. Natal: Rádio 96 FM, 12 de janeiro de 2016. Programa de Rádio.

_____. Natal: Rádio 96 FM, 20 de janeiro de 2016. Programa de Rádio.

_____. Natal: Rádio 96 FM, 26 de janeiro de 2016. Programa de Rádio.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Narrativas do medo**: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes; ROCA, Maria del Pilar. (Org.) **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção primeiros passos)

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1989. (Novas buscas em comunicação, 31)

SZPACENKOPF, Maria Izabel Oliveira. **O Olhar do poder**: a montagem branca e a violência no espetáculo telejornal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.